

## **Comunicação humanitária se aprende na universidade? Reflexões sobre uma experiência docente <sup>1</sup>**

Vanessa Teixeira PIPINIS<sup>2</sup>

Faculdade de Educação / USP. Faculdade Cásper Líbero

### **Resumo**

O trabalho apresenta uma reflexão inicial a partir da experiência docente em uma disciplina de comunicação humanitária ofertada em uma pós-graduação privada paulista. Busca-se sistematizar vivências e observações a partir de escolhas didáticas e metodológicas, considerando as especificidades inerentes a uma disciplina que trata de questões humanitárias e que podem envolver o sofrimento humano.

### **Palavras-chave**

Comunicação organizacional; comunicação de risco; comunicação humanitária; emergência; desastre

Eventos climáticos extremos, intensificação de fluxos migratórios massivos (e seus consequentes conflitos) e crises financeiras. Estes podem ser elencados como alguns dos riscos que, acumulados, caracterizam o que Beck (2010) chama de sociedade de risco. É neste contexto que o repertório de memórias que povoou a sala de aula durante a disciplina “comunicação humanitária”, nos anos de 2023 e 2024, foi composto por fragmentos imagéticos e cenas de eventos extremos recentes.

Ao narrar alguns episódios marcantes (cujos desdobramentos foram diariamente acompanhados pelo noticiário), os estudantes mencionaram o temporal devastador que atingiu São Sebastião, no litoral de São Paulo; as inundações que aconteceram no estado do Rio Grande do Sul e a chegada a pé de migrantes e refugiados venezuelanos na Operação Acolhida em Roraima, entre alguns outros. Em um momento histórico em que os eventos climáticos extremos e suas diversas consequências sociais, culturais,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sessão Temática: Ensino, pesquisa e práticas de comunicação organizacional na sociedade de risco, atividade integrante do XIX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), professora convidada da Faculdade Cásper Líbero, vanessapipinis@gmail.com

econômicas e políticas ganham escala, chamou a atenção um certo distanciamento e, em alguns episódios, uma apatia diante das imagens de dor e sofrimento humano. Este repertório partilhado (e as reações manifestadas diante dele) foi a mola propulsora para estas reflexões iniciais sobre minha experiência como docente na disciplina “comunicação humanitária”, oferecida em uma especialização em comunicação organizacional em uma faculdade privada da cidade de São Paulo.

O objetivo deste trabalho é contribuir com os debates sobre escolhas metodológicas, estratégias didáticas e percursos pedagógicos trilhados com os estudantes. As reflexões de Sontag (2003) nos inspiram a questionar até que ponto estamos apenas testemunhando eventos extremos ou efetivamente compreendendo-os, o que, em última análise implicaria em refletir sobre nossa postura e entendimento de tragédias recentes. Esta é a problematização central para a qual busco ampliar sentidos a partir do diálogo com outros pesquisadores da área.

### **Reflexões sobre uma experiência pedagógica**

Com carga horária de 16h (dezesesseis horas), a disciplina “comunicação humanitária”, englobou temas vinculados à transmissão de informações e elaboração de ações de comunicação em contexto de crise, como desastres naturais, emergências de saúde e até mesmo conflitos armados, com foco em salvar vidas, reduzir o sofrimento humano e também apoiar comunidades e grupos em situação de vulnerabilidade.

A partir deste ponto inicial, o curso se estruturou em três pontos centrais:

- 1) A comunicação humanitária e suas relações com a comunicação pública, organizações não-governamentais e organizações privadas, eixo em que foram apresentados e contextualizados os principais atores da área;
- 2) Estratégias de advocacy, mobilização social e ativismo para a solução de problemas de interesse social;
- 3) Impactos dos processos de desinformação e das mudanças climáticas na comunicação humanitária.

Para dar conta de uma disciplina que abarca tantos conteúdos e privilegia a reflexão crítica por parte dos estudantes, foram adotadas as seguintes estratégias didáticas:

- a) Exposição teórico – dialógica: em todos os momentos da aula foram privilegiados e incentivados o debate e a reflexão coletiva, sempre tomando como ponto de partida a leitura dos textos e as elaborações formuladas durante o curso;
- b) Trabalho com imagens: buscou-se problematizar e refletir criticamente sobre as imagens que circulam amplamente e que traduzem, em alguma medida, o sofrimento humano. Partindo da seguinte pergunta disparadora “essas imagens sensibilizam ou nos anestesiaram diante do sofrimento humano?” foram criados espaços para reflexão crítica e aprofundada sobre o assunto;
- c) Estudos de caso: a partir de casos concretos que envolvem diversos atores (públicos e privados), realizamos um debate em pequenos grupos sobre estratégias de comunicação em contextos de risco.

Ainda que as escolhas didáticas tenham sido ajustadas diante do perfil e repertório dos estudantes, é possível mapear alguns desafios encontrados. O primeiro deles diz respeito a um certo estranhamento com a disciplina e os temas abordados. Por mais que a formação inicial dos comunicadores explore temas como terceiro setor e organizações da sociedade civil, ainda há um grande desconhecimento quando o tema é a comunicação em contextos humanitários ou de emergência e desastres. A causa humanitária e até mesmo os riscos a que Beck se refere ainda são distantes do repertório dos estudantes.

Outro desafio foi aprofundar a compreensão de possibilidades de atuação dos atores estudados (agentes públicos, privados e terceiro setor) na sociedade do risco. Para suprir esta dificuldade buscou-se estudar de uma maneira verticalizada sobre a contextualização de cada um deles, para que pudéssemos, juntos, responder à pergunta: que tipo de comunicação é possível, para cada um desses atores, diante de uma situação de risco?. As perguntas disparadoras e os estudos de caso foram essenciais para avançarmos nos conteúdos previstos.

Por fim, um outro desafio mapeado é que estou chamando *entendimento do risco*. O acúmulo e a presença significativa do risco nos nossos cotidianos, que passa a ser vivido como algo “onipresente”, possibilitaria, para BECK (2010, p. 361) três reações: a negação, a apatia e a transformação. Durante esta experiência avalio que este é o

desafio maior: como promover um processo pedagógico que mobilize, que encante e que promova a ação para a transformação social? Diante do pouco tempo disponível para a disciplina e da limitação de tempo de estudos para estudantes trabalhadores, como garantir a aprendizagem aprofundada de elementos básicos e estruturantes sobre a comunicação na sociedade do risco? Estas são perguntas em aberto e com as quais este trabalho pretende dialogar

### **Considerações finais**

Este trabalho se estrutura a partir de uma provocação: a comunicação humanitária se aprende na universidade? Busco sistematizar estratégias e práticas docentes que considero exitosas, ainda que apresentem limitações. Uma delas é a própria temática central da disciplina, que engloba temas sensíveis como o risco, o desastre e a emergência humanitária. Ainda que as limitações de tempo, estrutura e condições para o estudo verticalizado sejam, em muitas vezes, incontornáveis, é possível aprender comunicação humanitária na universidade. Ainda que seja necessário aprofundar contextualização, trazer elementos históricos e retomar alguns conteúdos previstos na formação inicial, é possível promover uma aprendizagem que garanta empatia e engajamento para a transformação social. As escolhas didáticas que elenquei sinalizam para esta possibilidade, embora, evidentemente, seja necessário ampliar os espaços de aprendizagem: seja na graduação, na formação em serviço ou em cursos livres, por exemplo. Os caminhos são muitos e todos eles são necessários diante do enorme desafio que é garantir uma formação crítica e robusta para os profissionais da comunicação diante da sociedade do risco.

### **Referências**

- BECK, Ulrich. Sociedade de risco. Rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- SONTAG, S. Diante da dor dos outros. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- VALENCIO, N.; MARCHEZINI, M. S.; GONÇALVES, J. C. **Sociologia dos desastres – construção, interfaces e perspectivas no Brasil**. São Carlos: RiMa Editora, 2009.

VICTOR, C. e SULAIMAN, S. PARA ALÉM DA INFORMAÇÃO. **Modelos e recursos para a comunicação de riscos.** IN: GIRD +10. Caderno técnico de gestão integrada de comunicação de riscos. Disponível em: <https://www.gov.br/mdr/pt-br/assuntos/protecao-e-defesa-civil/gestao-integrada-de-riscos-e-desastres>